

Perspectivas e Práticas do Ensino de Piano na Licenciatura em Música da UERN

Andersonn Henrique Araújo
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte-UERN
andersonn.henrique.araujo@gmail.com

Resumo: Este trabalho objetiva problematizar as perspectivas e práticas do ensino de piano na licenciatura em música da UERN. Para tal, dividimos este artigo em três focos específicos e complementares: o primeiro consiste em contextualizar o ensino de piano no Brasil. Após isso, elencamos alguns autores que tratam do ensino de piano na atualidade e que têm influenciado o ensino de piano nas licenciaturas. E como terceiro foco, elencamos algumas perspectivas, dentre muitos fatores importantes, destacando práticas para o ensino de piano nas licenciaturas em música. Nesse sentido, problematizaremos as nossas reflexões com base em revisão de referenciais do ensino de piano coletivo e concomitantemente a isso, trarei a minha atuação enquanto professor de piano coletivo no curso de licenciatura em música da UERN para aprofundar as questões propostas.

Palavras chave: Ensino de piano coletivo. Prática de piano nas licenciaturas. Formação docente.

1 Introdução

No Brasil, o ensino de piano nas licenciaturas possui uma dimensão heterogênea, não é possível afirmar que suas características e metodologias seguem a pressupostos comuns. Os objetivos mais vinculados a essas práticas são relacionados: ao desenvolvimento musical, à iniciação musical e/ou iniciação ao instrumento harmônico/piano. Além dessas perspectivas, o aprendizado de piano também é voltado para o desenvolvimento de atividades, como ferramenta pedagógica e/ou como instrumento de expressão musical. Entretanto, em nosso olhar, tais concepções se complementam e são autoinfluentes: é impossível ver o ensino de piano nas licenciaturas sem contemplar todos os aspectos mencionados.

Além da heterogeneidade, os aspectos relacionados ao desenvolvimento musical e ao pedagógico/musical são característica que alicerçam o ensino de piano nas licenciaturas.

Com algumas exceções, no qual universidades oferecem a licenciatura em piano, a tônica é que o ensino de piano possui um caráter coletivo nos cursos de licenciatura em música.

É necessário repensar paradigmas que orientem o ensino coletivo de piano no sentido de uma legitimação do caráter metodológico-coletivo. Fugindo dessa forma de propostas que abordam a coletividade como muleta metodológica para agregar vários alunos em um só espaço/tempo. Mas, antes, é preciso atentar para a exploração musical de possibilidades interativas, onde são discutidos problemas em conjunto, são observadas situações e se aprende coletivamente. A premissa dessa abordagem é que o piano coletivo é uma possibilidade de ensino no qual a coletividade é uma metodologia. Todavia, as dificuldades de aprendizagem individuais devem ser tratadas como individuais, mas o individual pode se expandir para o coletivo. Dificuldades individuais podem ser dificuldades coletivas e soluções coletivas podem ser soluções individuais, recursivamente. Nessa abordagem dialógica, o individual e coletivo são desenvolvidos a partir de possibilidades interativas e metabolizantes.

A aprendizagem de piano coletivo compreende aspectos autocognitivos, infracognitivos e macrocognitivos. São autocognitivos, pois, o indivíduo ao aprender piano como instrumento harmônico influencia a si mesmo, possibilitando intervenções pedagógicas diferentes, ao passo que suas dificuldades de aprendizagem devem ser tratadas na perspectiva de buscar caminhos para a sua superação. Já o sistema é infracognitivo, pois as dificuldades coletivas podem ajudar no desenvolvimento musical individual. Já em uma perspectiva macrocognitivas, as dificuldades individuais podem transformar a estética sonora da produção musical, além de conduzir para um remanejamento do planejamento em vista a superação individual, ainda interfere na forma que essa superação influencia no grupo de alunos de piano. Portanto, a perspectiva macrocognitiva ocorre quando os sujeitos, enquanto seres singulares e aprendentes influenciam no processo de aprendizagem, seja esse processo na sala de aula de piano coletivo, ou na utilização dos saberes aprendidos nas práticas de estágio, na atuação profissional, etc.

2 O curso de Licenciatura em Música da UERN

O curso de Licenciatura em Música na UERN existe desde 2004, o Projeto Político de Curso vigente foi implementado em 2014. O campus central da UERN localiza-se na cidade de Mossoró, distante 270 km da capital potiguar.

O ensino de piano na UERN divide-se em duas vertentes: Prática Instrumental e Instrumento Harmônico. A disciplina Prática Instrumental Piano é destinada a alunos que já possuem interesse em tornar o Piano como seu primeiro instrumento, cada disciplina possui carga horária de 30 horas e é dividida em Prática Instrumental I, II, III e IV. Em média são dois alunos por turma que são provenientes de diferentes níveis de expressividade e fluência no instrumento.

A disciplina Instrumento Harmônico Piano também é desenvolvida na coletividade, cursam por turma em média quatro alunos. Com uma carga horária de 30 horas, a disciplina é dividida em Instrumento Harmônico I e II. É focada na utilização do piano como instrumento pedagógico do ensino de música, além disso, são trabalhadas habilidades para a utilização do piano como instrumento de expressão musical dos estudantes do curso.

3 Histórico do ensino de piano no Brasil

O aparecimento do instrumento piano no Brasil é atrelado ao histórico de seu ensino, logo, propor uma perspectiva do ensino de piano nas licenciaturas, é recorrer e situar o piano em sua trajetória brasileira nos últimos séculos.

A importação de piano, segundo Junqueira (1982), teve um grande impulso com a vinda da corte portuguesa ao Brasil. Os pianos eram principalmente importados da Inglaterra da marca John Broadwood. Tal importação só foi possível devido à abertura dos portos às nações amigas em 1808. É interessante notar que a Revolução Francesa e o ensino de piano no Brasil são fatos extremamente ligados. A abertura dos portos às nações amigas faz parte do tratado de auxílio da monarquia inglesa na fuga da Coroa Portuguesa para o Brasil em decorrência da iminência invasão das tropas napoleônicas a península Ibérica.

Junqueira descreve que em 1811 houve a primeira notícia de importação de um pequeno cravo para a cidade de São Paulo. Em 1820, um pianoforte foi importado para a cidade de Porto Feliz, interior de São Paulo. A expansão do piano no sudeste do Brasil

aconteceu de forma acelerada para os padrões da época, ao ponto do Rio de Janeiro em 1870 ser conhecida como “a cidade dos pianos”.

Foi no segundo império que o ensino de piano se difundiu pelo Brasil. Nessa época, piano era sinônimo de poder, ostentação, luxo, importação cultural europeu. Além disso, tocar piano era um incremento para moças ricas, além de embalar as festas nos salões da nobreza recém-chegada ao Brasil.

Dois nomes se destacam no período do Segundo Reinado: Arthur Napoleão e Luigi Chiaffarelli. Chiaffarelli, de origem italiana, tem grande importância no ensino de piano, principalmente no estado de São Paulo. Luigi Chiaffarelli deu aula a Guiomar Novaes, Francisco Mignone, entre outros nomes do piano brasileiro (FUCCI AMATO, 2004).

A partir da Era Vargas alguns conservatórios brasileiros se tornaram faculdades na medida em que foram sendo agregadas às universidades. Esse é o caso do Instituto de Nacional de Música, agregado a Universidade do Rio de Janeiro, naquele momento, chamada de Universidade do Brasil.

Esse também é o caso da Escola de Música da UFRN, fundado em 1962 como um conservatório de música e que possuía os seguintes cursos: Curso de iniciação artística, curso preparatório, curso médio e curso final. Somente no ano de 1997 é que foi iniciado o curso de Bacharelado em Música, e em 2005 a licenciatura em música. Ressalta-se que antes da criação da Licenciatura em Música, existia o curso de Educação Artística, com habilitação em Música.

Na UERN não foi diferente. O conservatório de música da UERN data de 1988 e precede o curso superior. Entretanto, a aprendizagem musical na UERN é anterior ao conservatório e ficava a cargo de um coral composto por funcionários, professores e alunos. Vale a pena ressaltar que o curso de licenciatura em música de Mossoró é mais antigo do Estado do Rio Grande do Norte. Assim, é nítida a influência dos conservatórios nas práticas musicais no ensino superior, dada sua gênese no modelo de construção.

Em relação ao piano coletivo, houve uma proliferação nos Estados Unidos nas décadas de 1950 e 1960. Segundo Fisher (2006), a filosofia de ensino era a de que todos os estudantes de música, independentemente da área de ênfase, deveriam receber aulas de

piano como parte de sua ampla formação musical. Os objetivos desses cursos eram proporcionar aos alunos o desenvolvimento de habilidades fundamentais ao piano como: leitura à primeira vista, estudo de harmonia e contraponto, estudo e reconhecimento de práticas estilísticas, transposição, improvisação, leitura de partitura, técnica pianística, encadeamento de acordes, “tocar de ouvido”, execução de repertório solo, execução de repertório para duo, acompanhamento, escuta crítica e análise de partitura.

3 A atualidade do ensino de piano coletivo no Brasil

No Brasil alguns polos são referências no ensino de piano coletivo, dentre muitos, podemos destacar:

O movimento da Educação Musical através do Teclado (EMaT), criado pela professora Maria de Lourdes Junqueira, que colocou o piano como um instrumento a serviço da música e não, necessariamente, atrelando à virtuosidade. Tal movimento tem como objetivo a formação da pessoa musicalmente preparada, sem a preocupação de transformá-lo em um grande ícone do piano.

Universidade Metodista de Piracicaba, que possui as disciplinas de Noções de instrumento de teclado e práticas pedagógicas de Instrumento de Teclado. Segundo AMSTALDEN:

O objetivo da disciplina é fornecer ao licenciando noções básicas de acompanhamento, suficientes para apoiar o canto em conjunto ou a prática instrumental em conjunto, bem como realizar vocalizes simples. Pretende, enfim, permitir que os instrumentos de tecla sejam utilizados como uma ferramenta a mais nos processos de educação musical (AMSTALDEN, 2012, p.38).

Ainda temos como referência, o IMIT – Iniciação Musical com Introdução ao Teclado, idealizado pela Dra. Alda de Oliveira. Apesar de seu público alvo ser a comunidade em geral, o IMIT possui em seu quadro estagiários alunos dos cursos de Música da UFBA. Assim, tal curso influencia os cursos de Música na UFBA ao propor a iniciação musical com

teclado trabalhando os aspectos cognitivos, psicomotores, afetivos, social com base nas experiências de vida dos alunos. O IMIT trabalha com coletivos de 5 a 10 crianças por turma.

Também podemos citar o Laboratório de Piano em Grupo da UFG/USP Ribeirão Preto que investiga metodologias de ensino e sua aplicação que se constitui um grupo de pesquisa, ensino e extensão.

Por último, um espaço de extrema importância para o ensino de piano coletivo é o laboratório de piano coletivo ministrado pela Dra. Isabel Montandon nas aulas de licenciatura da UnB. A metodologia promove o aprimoramento da leitura, harmonia, improvisação, jogos sonoros, percepção, sempre na perspectiva da formação do professor.

Montandon (2005) reconhece a influência dos EUA nas práticas de piano em grupo e problematiza o repertório de piano coletivo, que geralmente é de origem norte-americana, focado no aspecto teórico, ressaltando as músicas de caráter nacionalista daquele país. Além disso, o material é de alto custo e geralmente sem tradução para o português.

Apesar de amplamente difundidos, alguns métodos podem não remeter as vivências dos alunos da graduação e estão extremamente fora do cotidiano das pessoas que frequentam os diversos espaços de aprendizagem musical. Entretanto, é importante deixar claro que tais métodos devem servir ao professor como um caminho, ou melhor, como uma possibilidade. Assim a escolha consciente evita a reprodução impensada de modelos importados.

4 Propostas articuladas do ensino de piano na Licenciatura em Música-UERN

Dentro de uma perspectiva de piano coletivo, como sendo uma abordagem metodológica propiciadora de interações musicais, como mencionado anteriormente, destaco 6 pontos que podem (re)orientar as perspectivas e práticas para o ensino de piano coletivo nas licenciaturas e que vem sendo utilizadas nas aulas de piano na UERN.

Tais pontos são: TÉCNICA, EXPRESSIVIDADE, (RE)CRIAÇÃO, FORMAÇÃO DE PROFESSORES, POSSIBILIDADES E NOVAS TECNOLOGIAS. Vale a pena ressaltar que esses pontos não são separados, mas interligados uns aos outros transversalmente.

4.1 Técnica

A técnica está interligada organologia do instrumento, do corpo em relação ao instrumento, do domínio e das possibilidades de reconhecimento e reutilização do piano enquanto desejo e necessidade do licenciando, pensando que o licenciando será, se já não é, professor, e o piano pode ser uma ferramenta ou principal instrumento. Daí a importância do ensino de piano coletivo comprometido com uma técnica consciente.

A técnica é íntima do processo de tocar, ou seja, a técnica deve partir de músicas e/ou exercícios que façam sentido para o aluno. Fazer sentido é: 1. Poder estar interligado ao cotidiano; 2. Teoria e o fazer musical interligados; 3. A técnica precisa fazer sentido orgânico, como por exemplo, a posição do corpo e de arco dos dedos, etc.;

Concordamos com Richerme (1998) na procura por uma técnica em consonância com princípios científicos e leis físicas, anatômicas e naturais. A técnica possibilita estar em consonância com tais leis, para que os resultados musicais possam ser obtidos com maior facilidade. Também é necessário perceber o próprio corpo, ter consciência do corpo no momento de execução, explicando sempre ao aprendiz o motivo de se evitar determinadas tensões desnecessárias.

4.2 Expressividade

Segundo a ementa da disciplina Instrumento Harmônico I, do curso de Licenciatura da UERN, o desenvolvimento de habilidades para execução do instrumento harmônico é utilizado enquanto veículo de expressão musical. Assim, o piano em coletivo é um instrumento a mais para o aluno expressar-se musicalmente, desenvolvendo assim sua musicalidade. Dessa forma, estreitam-se as ligações existentes entre tal disciplina da UERN e a perspectiva de Alda de Oliveira (1990) de Iniciação Musical com Introdução ao Teclado. Os dois propõem o ensino de instrumento de teclas como veículo de expressão musical.

Ainda concordamos com Chueke (2006), em problematizar o processo de escuta, antagônico ao processo repetitivo-mecânico, para assim potencializar a expressividade do discente.

A Expressividade liga-se com o projeto do Curso de Música da UERN, quando trata da sensibilidade na atribuição do formado em articular os componentes básicos da linguagem sonora demonstrando sensibilidade e capacidade de criação artística.

4.3 (RE)Criação

A (re)criação envolve a composição de músicas didáticas, re-harmonizações, partituras não convencionais. Além disso, a (re)criação envolve o que Maura Penna (2012) chama de rearranjo.

Para Penna, os objetivos pedagógicos do rearranjo são:

- a) desenvolver a atividade criadora, ou seja, levar o aluno a expressar-se através de elementos sonoros; b) promover uma reapropriação ativa e significativa da vivência cultural (PENNA, 2012, p. 171).

Quando ministramos a Instrumento Harmônico II, em 2014.1 na UERN nós desenvolvemos um exemplo de rearranjo. Ensinamos a música *Take My Breath Away*, da banda Berlin. Assim, depois de fazer a música em sua origem, propus aos alunos que modificassem a música, de forma que eles dessem outra roupagem garantindo a continuidade melódica e harmônica original. Orientados pelo professor, os alunos fizeram um arranjo a dez mãos, executados em duas clavinovas.

As músicas para piano coletivo também foram rearranjadas, utilizando o baixo de Alberti, modificando as células rítmicas, agregando a sons corporais, utilizando clusters e/ou blocos de acordes em tríades. Enfim, foram utilizadas inúmeras possibilidades. Além disso, utilizamos partituras não convencionais para a elaboração da escrita do arranjo.

4.4 Formação de professores

Outro aspecto importante quanto ao ensino coletivo de piano é: a aprendizagem precisa estar em consonância com o principal objetivo de uma licenciatura, formar o professor. Uma possibilidade é utilizar o piano como instrumento de formação/pedagógico. O que se busca não é menosprezar as capacidades e possibilidades que o piano pode trazer para a formação musical, mas ampliá-las de forma que contemplem também um repertório

didático para ser trabalhado em sala de aula. Nesse sentido corroboramos a perspectiva de Del-Ben (2003), e de Penna (2007) no qual afirmam que para ser professor de música não basta saber tocar, porém, são igualmente necessários conhecimentos pedagógicos e musicológicos. Logo, os materiais usados no curso de piano nas licenciaturas devem ser flexíveis e adaptáveis as diferentes realidades, de forma a atender a dinâmica e o perfil do grupo.

4.5 Possibilidades

É importante ressaltar que os conhecimentos pretendidos por aqueles alunos que têm perfil para dar aula em conservatórios ou de instrumento é diferente daquele que se sente mais a vontade em trabalhar com iniciação musical na escola básica. Em nossa perspectiva é importante possibilitar tanto o desenvolvimento dos alunos que são mais avançados ou que querem trabalhar em conservatórios quanto àqueles que não têm vivência ao piano.

Além disso, há também o desejo de alguns estudantes de usarem o piano como acompanhamento ou de práticas vocais ou de instrumentais. Uma possibilidade é a criação de arranjos com diferentes dificuldades para a prática de piano coletivo fazendo interagir os diferentes níveis de saber pianístico.

4.6 Novas tecnologias

As possibilidades de trabalho com novas tecnologias são inúmeras e o uso do teclado em si já é uma tecnologia do último século. Como emergente nesse século 21, dentre as inúmeras possibilidades elegi a utilização do telefone celular, smartphone e tablet como auxílio pedagógico. Para todo efeito, darei exemplos de Apps (sigla de aplicativos) gratuitos e disponíveis no Google Play.

4.6.1. Gravação da execução musical para autoavaliação e possibilidade de estudos dirigidos: é possível o aluno se autoavaliar, desenvolver autocrítica, além de avaliar o efeito da textura geral dos instrumentos.

4.6.2. Uso de App metrônomo: permite ao aprendiz a graduar a velocidade do andamento. Auxilia na correção de trechos de dificuldades, ralentando ou acelerando além de alguns possuírem afinador eletrônico. Assim, o App metrônomo possui diversas possibilidades não deixando a desejar se comparados aos metrônimos digitais.

4.6.3. Uso do App Rock/Blues Piano & Keyboard: App patrocinado pela Yamaha possui diversos níveis de dificuldade e consiste em fazer o aluno, com seu teclado-piano físico, entenda as síncopes do Rock e Blues. Ajuda também na leitura musical e identificação das notas junto ao piano.

4.6.4. Uso do App Learn Piano: Ao estilo Guitar Hero, possui algumas músicas, treinando o ouvido e utiliza uma notação musical diferenciada.

4.6.5. Leer Notas Musicales: Jogo que permite a visualização do piano ao mesmo tempo das notas no pentagrama. O jogador tem um tempo para acertar a figura até colidir com a parede. Em minha opinião, o mais complexo dos que apresentei, pois trabalha leitura de pentagrama, identificação no teclado, existe um módulo só para treinamento auditivo.

4.6.6. Simulador de teclado: pode ajudar no reconhecimento das notas, nas sonoridades das notas, nos acordes, na posição das notas no teclado. Também pode ser utilizado em sala de aula como ferramenta substituta de um pequeno piano, desenvolvendo percepção, escalas, intervalos, etc.

REFERÊNCIAS

AMSTALDEN, Júlio. A experiência de ensino de teclado em grupo no curso de licenciatura em música da universidade metodista de Piracicaba – SP. In: ENCONTRO INTERNACIONAL DE PIANO EM GRUPO, 2., 2012, Goiânia. *Anais...* Goiânia, 2012. p. 36-39.

CHUEKE, Zélia. Piano Funcional na Universidade: Considerações sobre métodos e finalidades. *Revista Científica da FAP*, v.1, p. 215-224, 2006.

DEL-BEN, Luciana. Múltiplos espaços, multidimensionalidade, conjunto de saberes: idéias para pensarmos a formação de professores de música. *Revista da Abem*, n. 8, p. 29-32, mar. 2003.

FISHER, C. *Applications of Selected Cooperative Learning Techniques to Group Piano Instruction*. 2006. Tese (Doctor of Musical Arts) – University of Oklahoma, Norman, 2006.

FLACH, Gisele. *Arranjos para piano em grupo: um estudo sobre as decisões, escolhas e alternativas pedagógico-musicais*. 2013. Dissertação (Mestrado em Música). Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

FUCCI AMATO, Rita. *Memória musical de São Carlos: retratos de um conservatório*. 2004. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2004.

JUNQUEIRA, Maria Francisca Paez. *Escola de música de Luigi Chiaffarelli*. 1982. Tese (Doutorado em Comunicação) – Universidade Mackenzie São Paulo, São Paulo.

MONTANDON, Maria Isabel. O piano como instrumento complementar na formação do músico profissional. *Revista Tônica*, Brasília. Ano 1, n. 1, p. 31-38, 2005.

OLIVEIRA, Alda. Iniciação musical com introdução ao teclado – IMIT. *Opus*, Porto Alegre, v.2, n.2, p.7-14. Jun.,1990.

PENNA, Maura. Não basta tocar? Discutindo a formação do educador musical. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, V. 16, 49-56, mar. 2007.

PENNA, Maura. *Música(s) e seu ensino*. 2ªed. Porto Alegre: Sulina, 2012.

RICHERME, Claudio. *A Técnica Pianística: uma abordagem científica*. São João da Boa Vista: AIR Musical Editora, 1998.